

O ENFRENTAMENTO DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

ADDRESSING GENDER AND SEXUALITY ISSUES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: AN
INTEGRATIVE REVIEW

ABORDANDO CUESTIONES DE GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA EDUCACIÓN FÍSICA
ESCOLAR: UNA REVISIÓN INTEGRADORA

André Luis do Nascimento Mont Alverne ¹

Fabrícia Keilla Oliveira Leite ²

José Edson Ferreira da Costa ³

Christiane Garcia Macedo ⁴

Daniel Teixeira Maldonado ⁵

Manuscrito recebido em: 29 de abril de 2023.

Aprovado em: 02 de agosto de 2024.

Publicado em: 03 de agosto de 2024.

Resumo

Este artigo objetivou investigar a produção científica sobre as questões de gênero e sexualidade na Educação Física escolar, analisando como estes debates atravessam discursos e práticas nas aulas da disciplina, publicada em periódicos científicos, dissertações e teses nos últimos 14 anos. O método trata-se de uma revisão integrativa em três bancos de dados, sendo analisados 22 trabalhos. Os estudos revelaram uma discussão limitada das temáticas na disciplina, constituída sem um embasamento aprofundado. Verifica-se um distanciamento da igualdade de gênero, caracterizado pela exclusão de educandos(as) das aulas, situações de preconceito e homofobia, interligadas a um despreparo dos(as) professores(as) para o trabalho destas perspectivas. Dessarte, nota-se a urgência em aumentar os estudos que envolvam estratégias curriculares que colaborem com a produção de uma esfera escolar marcada pela equidade, objetivando a

¹ Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Licenciado em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5866-7914> Contato: andremukasey@outlook.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestra em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1788-444X> Contato: fabricia_keilla@hotmail.com

³ Mestre em Educação pela Universidade Regional do Cariri. Professor no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio e na Rede Municipal de Educação de Crato.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9112-8119> Contato: edson-ef@hotmail.com

⁴ Doutorado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco – Brasil. Professora na Universidade Federal de Minas Gerais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3760-3951> Contato: chrismacedo@gmail.com

⁵ Doutor em Educação Física pela Universidade São Judas, com Pós-doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor no Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas e no Mestrado Acadêmico em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0420-6490> Contato: danielmaldonado@yahoo.com.br

construção de discentes e docentes que compreendam e contextualizem as questões de gênero e sexualidade em suas totalidades.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Educação Física; Escola.

Abstract

This article aimed to carry out an investigation into the scientific production on gender and sexuality issues in school Physical Education, analyzing how these debates cross discourses and practices in the discipline's classes, published in scientific journals, theses and dissertations in the last 14 years. The method is an integrative review in three data bases, being analyzed 22 works. The studies revealed a limited discussion of the themes in the discipline, constituted without a deep foundation. There is a distance from gender equality, characterized by the exclusion of students from classes, situations of preconception and homophobia, linked to a lack of preparation of teachers to work from these perspectives. Thus, there is an urgent need to increase studies involving these themes in Physical Education, in addition to curricular strategies that can collaborate with the production of a school sphere marked by equity, aiming at building students and teachers who understand and contextualize gender and sexuality issues in their entirety.

Keywords: Gender; Sexuality; Physical Education; School.

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo realizar una investigación sobre la producción científica sobre cuestiones de género y sexualidad en la Educación Física escolar, analizando cómo estos debates cruzan discursos y prácticas en las clases de la disciplina, publicados en revistas científicas, tesis y disertaciones en los últimos 14 años. El método es una revisión integradora, siendo analizados 22 trabajos. Los estudios revelaron una discusión limitada de los temas en la disciplina, constituida sin un fundamento profundo. Existe un alejamiento de la igualdad de género, caracterizado por la exclusión de alumnos de las clases, situaciones de preconcepción y homofobia, ligado a la falta de preparación de los docentes para trabajar desde estas perspectivas. Por lo tanto, existe una necesidad urgente de aumentar los estudios que involucran estos temas en Educación Física, además de estrategias curriculares que puedan colaborar con la producción de un ámbito escolar marcado por la equidad, con el objetivo de formar estudiantes e profesores que comprendan y contextualicen las cuestiones de género y sexualidad en su integralidad.

Palabras clave: Género; Sexualidad; Educación Física; Escuela.

Introdução

As temáticas de gênero e de sexualidade fornecem contextualizações significativas quando discutidas e problematizadas nas escolas. Ao observarmos a(s) conjuntura(s) da sociedade com um olhar encarnado pela criticidade, começamos a (re)formar um entendimento dialético no qual a relevância desse debate configura-se não apenas como necessário no ambiente escolar, mas como urgente dentro do que se espera das demandas educacionais em suas diversas incompletudes. Alinhada a esta ideia, a disciplina de Educação Física (EF) apresenta diversas possibilidades para contribuir nesse campo.

Questões de gênero e sexualidade baseiam-se em relações sociais que se constroem ao longo do tempo influenciadas por aspectos culturais e históricos na sociedade. Mediante à complexidade estrutural que cercam os temas, desenvolver uma proposta de discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas, mais precisamente na educação básica, requer preparo pedagógico, compromisso e, visceralmente, amor político⁶. O vínculo das conjunturas educativas com estes temas que emergem atualmente é crucial para a obtenção dos ideais propostos pela escola na sua missão e integração com a cidadania.

É nesta análise que Louro (2018) aponta que as práticas escolares apresentam, atualmente, continuidades e descontinuidades, efetuando mudanças e quebras. A autora ainda relata que, embora minimamente, ainda é possível observar nas escolas brasileiras a procura pelo confronto de desigualdades construídas e vividas pelos sujeitos, sejam elas de gênero, raça, classe ou etnia.

A EF pode se constituir em um alicerce fundamental para a discussão das questões de gênero e sexualidade. Nesta concepção, Prado e Ribeiro (2010) afirmam que a EF se estabelece como um dispositivo cultural, já que tanto suas práticas quanto suas discussões detêm de uma essência formativa e produzem sujeitos que são corpos, gêneros e sexualidades específicas. Em contrapartida, ainda que mais estudos relacionados à disciplina com atribuições nas temáticas de gênero e sexualidade venham sendo estabelecidos de maneira mais efetiva atualmente, o debate sobre estas questões ainda são assuntos pouco discutidos nas escolas (Strey; Cúnico, 2017).

Pautas que percorrem o contexto da biologia dentro das temáticas de gênero e sexualidade são muito evidenciadas na EF quando discutidas, ainda que indiretamente. Louro (2018) mostra que características de manutenção da saúde, além dos aspectos higienistas, sempre estiveram presentes no componente, o que culminou numa contribuição direta em justificativas voltadas a uma perspectiva meramente biológica para que houvesse a separação das turmas em masculinas e femininas.

⁶ Compartilhamos a ideia do amor político trazido pela escritora e ativista norte-americana Bell Hooks. Para a autora, é no amor que encontramos a interfaces da liberdade individual e coletiva, além de nos posicionarmos através da resistência (Hooks, 2019).

Sendo assim, esta disciplina na escola “[...] surge como promotora da saúde física, da higiene física e mental, da educação moral e da regeneração ou reconstituição das raças” (Soares, 2001, p. 91). Ainda segundo a autora, a EF escolar foi muito influenciada pelas tendências europeias de ginástica, se apropriando de modelos científicos ligados à anatomia e à fisiologia, privilegiando análises do funcionamento orgânico do corpo e não possuindo nenhum aporte teórico subsidiado em outras discussões socioculturais do movimento humano (Soares, 2001).

Desta forma, durante décadas a EF nas escolas brasileiras foi marcada pela separação impositiva e binária de gênero nas práticas exercidas nas aulas, como afirma Sousa (1994), em que vivências como o futebol, lutas e jogos competitivos eram atribuídos aos meninos, partindo do pressuposto de sua natureza mais “forte e ágil”. Já para as meninas, que possuíam características de “delicadeza, fragilidade e graciosidade”, eram atribuídas atividades como jogos mais atenuados, voleibol, danças e ginástica. Dornelles e Fraga (2009) analisam que esta separação ocorria por concepções distintas das possibilidades do corpo entendidas como diferentes para homens e mulheres.

Os estudos de gênero, que surgiram em decorrência da luta do movimento feminista, vão se contrapor diretamente a este processo que atribui as diferenças existentes apenas a fatores biológicos. Nesse sentido, ao assegurarmos uma forte ligação da EF com as práticas corporais, é considerável atribuir os pensamentos de Joan Scott para o debate, já que, em suma, sua produção científica refere-se à categoria de gênero tanto com as relações sociais quanto às questões do corpo.

Gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais, entre homens e mulheres, mas, sim, que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo [...]. Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo e este saber não é “puro”, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos. (Scott, 1995, p. 13)

Em adição, o gênero pode ser observado como um conjunto de sentidos construídos por meio da cultura alinhado a um corpo sexuado, porém, não sendo este um produto em razão do sexo, já que os sujeitos e, conseqüentemente, os seus corpos, relacionados às normas dos papéis de gênero, não são passivos, o que faz com que eles

sejam desestabilizados e subvertidos por esses sujeitos e corpos (Butler, 2017). O gênero está associado às questões históricas, culturais e sociais do que se compreende como masculino e feminino (Scott, 1995).

Em um percurso congruente, observamos a sexualidade no envolvimento de “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. [...] não há nada exclusivamente natural nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo” (Louro, 2001, p. 11). Dessa forma, Michel Foucault compreende a sexualidade como uma invenção social, e ainda, como um dispositivo histórico (Foucault, 1988). Foucault (1984) percebe que a sexualidade está disposta como uma “experiência”, afirmando que esta pode ser compreendida como “a correlação, em uma cultura, entre os campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (Foucault, 1984, p. 10).

Assim, o viés social no contexto das questões de gênero e, conseqüentemente, da sexualidade, é fator crucial para o presente artigo, procurando realocar as temáticas em questão na EF.

Pretende-se, desta forma, recolocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (Louro, 2018. p. 26)

Destarte, consideramos importante e urgente entender as relações destas temáticas com a disciplina dentro da literatura científica e como estão sendo concretizadas na escola. Partimos, então, da seguinte problemática: quais os caminhos que a produção acadêmica da EF está percorrendo dentro do debate das questões de gênero e sexualidade nas aulas desse componente curricular?

Efetivamos, portanto, esta pesquisa, que teve como objetivo investigar a produção científica sobre as questões de gênero e sexualidade na Educação Física escolar, analisando como estes debates atravessam discursos e práticas nas aulas da disciplina, publicada em periódicos científicos, dissertações e teses nos últimos 14 anos.

Método

A pesquisa dispõe de uma revisão integrativa da literatura, de caráter qualitativo e descritivo. O método de revisão integrativa pode ser definido pela associação e síntese de resultados de diversas pesquisas sobre um determinado tema, com a inserção de diferentes métodos e possuindo como principal objetivo o fornecimento e o direcionamento de práticas que se norteiam em evidências científicas (Souza; Silva; Carvalho, 2011). Esse tipo de estudo requer o mesmo rigor e comprometimento científico que outros aportes metodológicos (Silveira; Zago, 2006).

A escolha do caráter qualitativo corrobora com o estudo de Minayo (2004), pois, segundo a autora, este método busca tratar os significados, causas, crenças e atitudes que propiciam o entendimento de alguma visão de mundo promovida pelo sistema cultural que o cerca. O cunho descritivo tem como propósito, conforme os escritos de Gil (2008), retratar os atributos de uma determinada conjuntura social.

O presente trabalho corrobora com as seis etapas metodológicas de revisão integrativa da literatura sugeridas por Mendes, Silveira e Galvão (2008). A primeira etapa sugere o reconhecimento do tema e elaboração de uma hipótese ou questão de pesquisa. Nesse caso, partimos do seguinte problema: como os debates de gênero e de sexualidade atravessam os discursos e as práticas escolares nas aulas de Educação Física?

A segunda requer a definição de critérios de elegibilidade (inclusão e exclusão de estudos na literatura). Para a busca nos bancos de dados, foram estabelecidos os seguintes descritores: “Gênero”, “Sexualidade”, “Educação Física”, “Escola” e as ligações que concernem entre estes termos. As estratégias de busca utilizadas foram baseadas em suas combinações na língua portuguesa e com o auxílio do operador booleano AND. Após essa busca, foram utilizados como critérios de inclusão: (1) estar adequado às temáticas de gênero e sexualidade na EF escolar, (2) estar presente nos bancos de dados escolhidos para a revisão: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (CTDC), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos da CAPES, (3) estar dentro de um recorte temporal entre os anos de 2011 e 2024, (4) realizar algum tipo de discussão sobre questões de gênero e sexualidade nas aulas de EF nas escolas, (5) estudos com pesquisa de campo e (6)

publicações em português e dispostos na íntegra. Os critérios de exclusão foram: (1) realizar algum tipo de vínculo do conceito de gênero ao viés da biologia e (2) trabalhos repetidos.

Optou-se pelo recorte de 2011 a 2024 ao entendermos a importância, a partir do ano de 2011, para os estudos de gênero e sexualidade alinhados às discussões da EF escolar. É nessa década que há uma produção acadêmica mais ampla na área, além do fortalecimento dos programas de pós graduação no Brasil. Em suma, é nesse período que a EF começa a ganhar mais potência no cenário acadêmico brasileiro (Maldonado; Silva; Miranda, 2014). Além disso, o estudo de *Devide et al.* (2011) mostrou que os estudos de gênero, até aquele momento, apresentavam algumas lacunas teóricas no campo da EF, fornecendo informações para que esse debate pudesse ser cada vez mais ampliado em diferentes perspectivas.

Após a filtragem que se adequou à utilização dos descritores, foram encontrados 69 trabalhos. Ao aplicar os critérios de elegibilidade (inclusão e exclusão), 35 trabalhos foram observados. No entanto, após a análise individual de cada pesquisa, para que pudessemos atingir o objetivo proposto pelo estudo, foram excluídos 13, e os motivos para esta exclusão foram: a não relação direta das temáticas de gênero e sexualidade com as aulas de EF e a não aproximação com as problemáticas que cercam os temas. Ao final, 22 estudos foram selecionados depois de atenderem a todos os critérios propostos. O Quadro 1 abaixo dispõe das informações da quantidade de estudos achados em cada base de dados.

Quadro 1 – Quantidade de estudos encontrados para a revisão.

Base de dados	Quantidade de trabalhos encontrados com a utilização dos descritores	Quantidade de trabalhos encontrados após aplicação dos critérios de elegibilidade	Quantidade de trabalhos encontrados após análise individual
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (CTDC)	4	2	2
SciELO	43	16	11
Periódicos CAPES	22	17	9
Total	69	35	22

Fonte: Elaborado por autores e autoras

A terceira etapa propõe a indicação das informações a serem extraídas dos estudos selecionados. Mendes, Silveira e Galvão (2008) apontam que o objetivo principal deste momento é a síntese e organização de forma sucinta das informações, produzindo um banco de dados que pode ser facilmente acessado e analisado. Nesse cenário, selecionamos as seguintes informações: Autor(es); Banco encontrado; Ano da publicação; Natureza da escrita (tese, dissertação, artigo); Objetivos principais; Referencial teórico; Metodologia.

A quarta etapa procura realizar a avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa. Mendes, Silveira e Galvão (2008) apontam essa fase como difícil de ser executada, uma vez que o(a) pesquisador(a) precisa fazer a análise dos dados obtidos de forma imparcial, procurando detalhes e explicações específicas de cada trabalho para as variações nos resultados achados. Foi observado as similaridades e diferenças entre os resultados obtidos, além da observação dos aspectos metodológicos e objetivos.

A etapa 5 fornece a interpretação dos resultados, ou seja, a contextualização de informações apresentadas nos 22 estudos selecionados para a revisão, além de possíveis sugestões para futuras pesquisas cercadas por esse debate. Por fim, a sexta etapa realiza a apresentação da revisão e síntese do conhecimento do processo da revisão, criando conclusões acerca das informações apresentadas durante as discussões dos resultados encontrados (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Os resultados dispostos a seguir fornecem informações importantes para o debate acadêmico sobre as questões de gênero e sexualidade na EF escolar. Nesse sentido, procuramos estabelecer uma relação íntima dos estudos selecionados para a revisão com discussões de outros trabalhos significativos da literatura.

Resultados e discussão

A produção das informações ocorreu nos meses de abril e maio de 2021, janeiro de 2023 e em julho de 2024. Inicialmente, vale destacar uma situação referente ao número de trabalhos encontrados. É relevante observar uma significativa inópia de publicações encontradas que interseccionam as temáticas de gênero e sexualidade, a pesquisa de campo e a EF escolar.

O quadro 2 expõe informações gerais extraídas após análise dos estudos, contemplados nos três bancos de dados.

Quadro 2 – Informações gerais dos trabalhos selecionados.

Autor(es) / Ano	Natureza / Base de Dados	Objetivo(s) geral(is), referencial e metodologia do trabalho
Ribeiro (2012)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Apresentar uma cartografia das narrativas de professores, do currículo e de formação continuada da disciplina de EF nas escolas sobre as temáticas de gênero, sexualidade, corpo e diversidade sexual. Referencial: Estudos pós-estruturalistas com teorizações Foucaultianas Metodologia: Pesquisa cartográfica.
Moraes (2017)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Identificar e analisar as percepções de professores(as) de EF e educandos(as) do Ensino Médio da Escola Itinerante de Lages-SC sobre questões de gênero e sexualidade. Referencial: Estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa empírica de cunho qualitativo. Utilizou-se a análise qualitativa de conteúdo com entrevistas focalizadas.
Dornelles (2013)	Tese / CTDC	Objetivo: Discutir e analisar como e quais processos de normalização do gênero e da sexualidade são postos em movimento no discurso pedagógico de professores(as) de EF no Vale do Jiquiriçá – BA. Referencial: Estudos feministas, teoria queer e estudos foucaultianos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa empírica de cunho qualitativo com utilização de questionários e entrevistas.
Souza (2013)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Analisar os processos de subjetivação, relações de gênero e sexualidade presentes nas aulas de EF. Referencial: Estudos pós-estruturalistas dialogados com Michel Foucault. Metodologia: Estudo de campo de cunho qualitativo com observações, relatórios e diários de campo.
Prado (2014)	Tese / CTDC	Objetivo: Analisar de que maneiras os discursos utilizados pela disciplina de EF produzem marcas associadas ao gênero e a sexualidade. Referencial: Estudos pós-estruturalistas e teoria queer. Metodologia: Pesquisa de campo de cunho qualitativo com questionários socioeconômicos e entrevistas semiestruturadas.
Silvestrin (2013)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Relacionar as práticas corporais e os discursos presentes nas aulas de EF com a reprodução de estereótipos de feminilidades e masculinidades que reiteram um regime de heteronormatividade. Referencial: Estudos queer e pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa descritiva, contendo análise documental, entrevistas e relatos traduzidos em publicações e escritos em diário de campo.
Beiriz (2015)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Analisar as questões sobre gênero e sexualidade na EF escolar, levando em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais. Referencial: Estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa de campo de cunho qualitativo. Utilizou-se observação participante com grupo focal.

Monteiro (2013)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Analisar significados construídos por educandos(as) de uma escola estadual de Nova Iguaçu-RJ sobre questões de gênero e sexualidade a partir de suas vivências nas aulas de EF. Referencial: Estudos culturais dialogados com o pós-estruturalismo. Metodologia: Pesquisa teórica-empírica com uma revisão de literatura, seguida de estudo de campo com cunho qualitativo e utilização de entrevistas semiestruturadas.
Passos (2014)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Observar e analisar as negociações de gênero e sexualidade nas aulas de EF, fundamentadas nas noções de masculinidade e feminilidade dos(as) educandos(as). Referencial: Estudos pós-estruturalistas com teorizações de Michel Foucault. Metodologia: Pesquisa de campo com cunho qualitativo com análise de discurso.
Aquilino (2020)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Compreender como se dá a homofobia nas aulas de EF do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Extreoz-RN, a partir de questões sobre gênero e sexualidade. Referencial: Estudos dialogados com o pós-estruturalismo. Metodologia: Pesquisa-ação, exploratória, cunho qualitativo.
Conceição (2022)	Dissertação / CTDC	Objetivo: Analisar as representações das(os) docentes de EF do IFAP sobre o tema gênero. Referencial: Estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Estudo de campo, qualitativo, descritivo, com técnica da análise de discurso crítica (ADC).
Dornelles; Dal'Igna (2015)	Artigo / SciELO	Objetivo: Analisar a produção da (hetero)normalização do gênero e da sexualidade articulada com a idade na EF escolar. Referencial: Estudos feministas pós-estruturalistas, a teoria <i>queer</i> e os estudos foucaultianos. Metodologia: Pesquisa de campo de cunho qualitativo com grupo focal e utilização de entrevistas.
Wenetz; Stigger; Meyer (2013)	Artigo / SciELO	Objetivo: Analisar como os significados de gênero que constituem diferentes modos de ser menino ou menina são atribuídos no recreio escolar de uma escola pública de Porto Alegre. Referencial: Estudos Culturais e de Gênero aproximados no pós-estruturalismo de Foucault. Metodologia: Pesquisa etnográfica com utilização de entrevistas.
Andres; Jaeger; Goellner (2015)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar como estudantes e supervisores de EF do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da UFSM compreendem temas pautados nas relações de gênero e sexualidade. Referencial: Estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa de campo de cunho qualitativo e aplicação de questionário.
Altmann et al. (2018)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar as percepções de estudantes do Ensino Fundamental de uma escola brasileira sobre experiências de atividades físicas e esportivas dentro e fora da escola, atribuindo demarcações de gênero. Referencial: Estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa de campo de cunho qualitativo com aplicação de questionários.
Garcia; Brito (2019)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar a constituição das relações de gênero e sexualidades nas aulas de EF. Referencial: Estudos <i>queer</i> . Metodologia: Pesquisa descritiva, qualitativa, utilizando observação participante e análise de conteúdo.

Altmann; Ayoub; Amaral (2011)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar as percepções de gênero atribuídas por docentes da disciplina de EF em escolas de Campinas-SP e como as mesmas influenciam no planejamento das aulas. Referencial: Teorias críticas e estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa de campo de cunho qualitativo com aplicação de entrevistas.
Duarte; Castro; Nascimento (2021)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar as percepções de professores(as) de EF e educandos(as) da educação básica envolvidos(as) em um projeto que discutia as questões de gênero e sexualidade. Referencial: Estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa qualitativa, exploratória, observações não estruturadas e do tipo participante.
Araújo et al. (2021)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar os conhecimentos de professores(as) de EF da educação básica a respeito das questões de gênero e sexualidade. Referencial: Estudos pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas.
Gerez; Wenez (2022)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Evidenciar as relações e as tensões sobre as questões de gênero e sexualidade em aulas de EF. Referencial: Estudos culturais feministas e pós-estruturalistas. Metodologia: Relato de experiência.
Lima; Pessoa; Pereira (2022)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar a abordagem dos corpos que escapam dos padrões estabelecidos através das questões de gênero e sexualidade nos conteúdos da EF escolar. Referencial: Estudos culturais e pós-estruturalistas. Metodologia: Pesquisa qualitativa com questionário, grupo focal e categorização.
Moreira; Zubaran (2023)	Artigo / Periódicos CAPES	Objetivo: Analisar as representações nas narrativas de docentes de EF escolar sobre as identidades étnico-raciais, de gênero e de sexualidade dos(as) estudantes. Referencial: Articulação teórica entre os Estudos culturais e a Educação das Relações Étnico Raciais (ERER). Metodologia: Recorte de tese de doutorado, estudo de campo, qualitativo e descritivo.

Fonte: Elaborado por autores e autoras.

Com base nas informações específicas dos trabalhos após análise, observa-se que as produções sobre gênero e sexualidade na EF vem sendo realizada com foco nas questões curriculares, nas práticas pedagógicas e na percepção dos sujeitos sobre os temas. Sendo assim, a análise dos dados posteriormente permeará de acordo com estas informações.

Um ponto importante para se observar relaciona-se ao caráter das pesquisas. Todos os trabalhos selecionados, apesar de metodologias distintas, possuem cunho qualitativo, o que reforça este tipo de análise com estudos pautados no viés educacional. Segundo Minayo (2004), a pesquisa qualitativa se atenta a uma realidade que não pode ser determinada por quantidade, pois busca tratar os significados, causas, crenças e atitudes

que propiciam o entendimento de alguma visão de mundo promovida pelo sistema cultural que o cerca. Para a autora, a cultura “não é um lugar subjetivo, ela abrange uma objetividade com a espessura que tem a vida, por onde passa o econômico, o político, o religioso, o simbólico e o imaginário” (Minayo, 2004, p.15).

Com relação ao referencial teórico das pesquisas, a maioria dispõe de diálogos com os estudos pós-estruturalistas, também sendo citados os Estudos Culturais e as Teorias Críticas. Apesar de seguirem linhas similares, os trabalhos percorrem caminhos distintos de acordo com os seus objetivos e discussões. Assim sendo, a divisão dos próximos tópicos da análise será exposta em categorias que se adequam às discussões mais observadas nos trabalhos e que possuem relação direta aos objetivos do presente estudo. São elas: 1 – discursos, percepções e representações sobre gênero e sexualidade, 2 – cotidiano escolar, gênero e sexualidade nas aulas de EF e 3 – formação, currículo e influência dos(as) professores(as) nas relações de gênero e sexualidade nas aulas de EF.

O quadro 3 contempla as três categorias de análise apontadas anteriormente, citando os trabalhos que fazem parte das discussões específicas.

Quadro 3 - Categorias para análise e discussões dos dados

Categorias	Trabalho e autoria
Discursos, percepções e representações sobre gênero e sexualidade	Por estudantes: Monteiro (2013); Prado (2014); Andres; Jaeger; Goellner (2015); Altmann et al. (2018); Duarte; Castro; Nascimento (2021).
	Por professores(as): Ribeiro (2012); Dornelles (2013); Souza (2013); Dornelles; Dal’igna (2015); Andres; Jaeger; Goellner (2015); Duarte; Castro; Nascimento (2021); Silva et al. (2021); Conceicao (2020); Moreira; Zubarán (2023).
Cotidiano escolar, gênero e sexualidade nas aulas de EF	Silvestrin (2013); Passos (2014); Wenez; Stigger; Meyer (2013); Gerez; Wenez (2022); Garcia; Brito (2019).
Formação, currículo e influência dos(as) professores(as) nas relações de gênero e sexualidade nas aulas de EF	Moraes (2017); Beiriz (2015); Aquilino (2020); Altmann; Ayoub; Amaral (2011); Lima; Pessoa; Pereira (2022).

Fonte: Elaborado por autores e autoras.

As próximas discussões fornecerão um embasamento adequado às três categorias mencionadas anteriormente de informações relevantes no debate de gênero e sexualidade na EF escolar.

- Discursos, percepções e representações sobre gênero e sexualidade

Os cinco trabalhos que concernem à percepção de estudantes sobre os temas em questão, apesar de possuírem um público alvo distinto em alguns casos, em relação ao nível de ensino e série específica, caminham para uma mesma perspectiva e direciona para problemáticas parecidas. Nos estudos de campo de Prado (2014), Monteiro (2013) e Andres, Jaeger e Goellner (2015), há primeiramente, um questionamento inicial sobre como os(as) estudantes vislumbram o termo gênero de acordo com suas vivências. Nesta perspectiva, os discursos mais evidenciados nesses trabalhos são: 1 - o tratamento do gênero pelo viés biológico e/ou anatômico, muitas vezes trazendo a categoria da sexualidade⁷ para este debate; 2 - uma diferenciação específica dos papéis atribuídos por homens e mulheres, que concernem as questões de masculinidade e feminilidade; e 3 - uma construção cultural e/ou social, porém sem um maior embasamento.

O estudo de Andres, Jaeger e Goellner (2015) ressalta bem esta questão. As questionar os(as) estudantes sobre como percebiam o gênero, foi possível observar que:

[...] a temática é compreendida considerando tanto aspectos relacionados à biologia dos corpos quanto ao contexto cultural no qual os indivíduos são formados. Em suas respostas, destacam-se as relações que estabelecem entre gênero e corpos sexuados as representações de masculinidade e feminilidade, a manifestação da noção de papéis e a confusão com sexualidade (p. 4).

Outro ponto crucial que envolveu os trabalhos de Prado (2014) e Monteiro (2013) sobre a percepção de estudantes a respeito do gênero foram as noções atribuídas pelos papéis do ser homem e do ser mulher, que vincula-se às questões identitárias de masculinidade e feminilidade. Prado (2014), ao analisar as percepções dos(as) estudantes e, conseqüentemente, as dicotomizações entre masculino e feminino, afirma que:

[...] essa interpretação biodirecionada é uma produção da lógica do gênero, pois, apenas a partir de um discurso que institui que determinada anatomia será considerada como “masculina” ou “feminina” é que determinado corpo poderá ser categorizado enquanto “homem” ou “mulher”. Assim, o gênero (ou os discursos reguladores do gênero) passa a ser um referencial que sustenta a compressão dos sujeitos e determina as posições sociais que esses deverão ocupar. (Prado, 2014, p. 70)

⁷ Este é um dado interessante, pois quando questionados(as) sobre alguma contextualização da categoria de gênero, os(as) discentes reforçam papéis que se aproximam da sexualidade, no entanto, sem nenhum tipo de aprofundamento da temática, apenas fortalecendo um embasamento pautado nas noções biológicas e estereotipadas.

No processo de subjetivação, a prática educativa possui um papel fundamental na aquisição de ações, comportamentos e expressões de meninos e meninas. Felipe e Guizzo (2008) revelam que a escola empenha-se em confirmar uma normalização da masculinidade e da feminilidade e poucas vezes deixa abertura para que estes significados possam ser vivenciados no plural, ou seja, fora desse caráter determinista, já que caso ocorra, pode ser compreendido de forma irregular ou desviante.

Em adição, Jaeger (2009, p. 37) afirma:

[...] não nascemos mulheres e homens, mas nos tornamos sujeito de gênero através das práticas sociais feminilizantes e masculinizantes, constituídas em meio àquilo que valoriza, deseja, rejeita e silencia determinada época acerca dos modos de constituir sujeitos mulheres e sujeitos homens.

As pesquisas mais recentes apoiadas nas questões de gênero e EF têm investigado as noções das masculinidades nesse contexto. Objetivando o rompimento do binarismo dicotômico entre masculino/feminino na sociedade hegemônica que se construiu a EF, os estudos buscam contribuir no caminho da pluralidade entre os gêneros, escapando de determinismos e especificidades que cercam as mulheres e, principalmente, os homens. A obra de Deive e Brito (2021) corrobora significativamente com essa discussão.

Quando os homens escapam da masculinidade hegemônica construída socialmente, eles são apontados e reconhecidos como diferentes, e assim acabam sofrendo um processo de segregação e subordinação (Louro, 2018). Nesse aspecto, novas formas de representação da masculinidade estão sendo constituídas objetivando uma forma mais racional de apresentá-la, mesmo essas ainda sendo confrontadas pela ótica da hegemonia, que tem a violência como uma característica fundamental nesse contexto (Connell, 1995).

Meninos e meninas aprendem a ser de determinados modos. Essas aprendizagens se dão, sobretudo, por meio do corpo e das práticas corporais, esportivas e/ou lúdicas das crianças, produzindo, assim, corpos marcados pelo gênero e pela sexualidade. Contudo, cabe destacar que assumir essa noção de corpo não implica a negação de sua materialidade biológica, mas a mudança de olhar para as relações de poder-saber que constituem e nomeiam determinadas características corporais, visto que essas características seriam entendidas como diferenças fixas e essenciais, o que poderia legitimar a valorização de algumas práticas apenas como masculinas ou femininas. (Wenetz; Macedo, 2019, p. 2)

Dos trabalhos selecionados, nove trazem um aporte sobre as percepções de professores(as) sobre as temáticas. Apesar de possuírem um maior embasamento, os estudos mostraram algumas limitações dentro desta perspectiva. Goellner (2013) aponta que nas aulas de EF, os estudos de gênero e sexualidade tendem a revelar novas formas de observar o corpo, que normalmente é observado apenas em contextos anatômicos, fisiológicos, biomecânicos, químicos e psicológicos, ou seja, com um foco nas áreas médicas e biológicas.

Possuindo um maior entendimento sobre as temáticas, as percepções gerais dos(as) docentes dos estudos de Ribeiro (2012), Dornelles (2013), Souza (2013) e Andres, Jaeger e Goellner (2015) que se embasam nessa perspectiva partem, em suma, de dois alinhamentos para o gênero. Observou-se que os(as) educadores(as) analisam e, conseqüentemente, transmitem em suas aulas (quando ocorre essa discussão, já que em muitos casos as temáticas são simplesmente ignoradas) construções pautadas nos aspectos culturais e sociais, questão muitas vezes não entendida pelos(as) educandos(as); e embasadas ao contexto anatômico do corpo.

A realidade observada pelos discursos e percepções dos(as) professores(as) corrobora diretamente com o estudo de Menezes e Silva (2022). Os autores, ao objetivarem analisar como docentes das Ciências Humanas e Sociais atuantes da educação básica percebiam as questões que envolviam a “ideologia de gênero”, observaram que ainda há um certo receio em produzir discussões sobre gênero e sexualidade nos espaços escolares.

Esses pensamentos limitados dos(as) discentes também partem de uma funcionalidade das escolas que distancia os construtos socioculturais da vida desses(as) estudantes. Nessa direção, a escola ainda se constitui diante de um processo de vigilância dos corpos e dos comportamentos dos sujeitos, atribuindo padrões de acordo com os sexos (Louro, 2018).

Entretanto, não é cabível direcionarmos unicamente às instituições escolares em um contexto de culpabilização no que concerne a problematização dos aspectos sociais e culturais. Nitidamente, o ambiente escolar pode (e deve) seguir por caminhos constituídos por contextualizações inerentes de uma sociedade que insiste em se desenvolver por intermédios de construções hegemônicas, todavia, não podemos ignorar a ideia de que as próprias escolas são resultado dessa sociedade padronizada.

Dornelles e Dal'Igna (2015) e Dornelles (2013) revelam bem essas questões citadas. Além disso, fazem uma investigação profunda sobre como estas percepções limitadas a respeito das temáticas influenciam diretamente na construção do planejamento e seleção dos conteúdos a serem ministrados na EF escolar.

O estudo de Duarte, Castro e Nascimento (2021) aponta uma discussão importante. Ao procurar entender a percepção de professores(as) e discentes em diferentes escolas sobre as temáticas de gênero e sexualidade, os(a) autores(a) se deparam com atitudes pejorativas e discriminatórias por parte dos(as) educandos(as), no entanto, eles e elas também relatam experiências e discussões significativas para esse debate. Essa realidade revela uma substancialidade curiosa: sujeitos contemplados por produções hegemônicas, mas que em determinados pontos portentosos escapam, mesmo sem qualquer intenção, de um padrão pré-estabelecido socialmente.

Sendo assim, se as escolas e os sujeitos que as compõem são desenvolvidos por estruturas interligadas a ideais distanciados dos aspectos socioculturais, não é incomum que discursos pautados por essencialismos biológicos sejam mais evidentes. Em contrapartida, ao observar essa realidade encarnada por organizações dicotômicas e deterministas, é necessário que as próprias escolas proporcionem um ambiente de problematização de questões sociais, como as de gênero e sexualidade. Nesse direcionamento, a EF aparece como uma ferramenta indispensável nesse debate.

- Cotidiano escolar, gênero e sexualidade nas aulas de EF

O objetivo da análise desta categoria percorre em uma verificação de como as experiências das aulas de EF estão sendo executadas em consonância às questões que envolvem gênero e sexualidade entre estudantes, professores(as) e escola. As principais problemáticas que se associam a estes aspectos após análise dos trabalhos da categoria em questão foram:

- Aulas separadas entre meninos e meninas;
- Educação Física no trabalho único com o esporte;
- Inferiorização das meninas durante as aulas (papéis secundários);
- Expectativas distintas sobre a disciplina entre meninos e meninas;

- Professores(as) com papel fundamental na desigualdade de gênero;
- Exclusão de meninas;
- Homofobia e discriminações.

Nesse momento, antes de adentrarmos em discussões um pouco mais profundas sobre estes pontos específicos, é relevante ressaltar que muitas dessas problemáticas são reflexos do processo historiográfico em que se constituiu a EF ao longo dos anos desde suas primeiras aparições nas escolas brasileiras. As demandas sociais e os aspectos culturais do Brasil favoreceram a lógica de uma disciplina repleta de dicotomias, estereótipos e determinismos.

Reforçando esse debate, a EF no ambiente escolar brasileiro permeou inicialmente sob ideologias higienistas (Castellani Filho, 1988) e militaristas (Bracht, 1999; Costa; Venâncio, 2004). Nesse aspecto, a EF teve sua estrutura pautada em: disciplina, relações de poder, controle de corpos e, conseqüentemente, reforço das matrizes de gênero. Não se via, sendo assim, qualquer tipo de preocupação com o contexto social e cultural das pessoas. Elas eram colocadas sob as mesmas circunstâncias, independente de suas condições particulares.

Partindo dessa premissa, a EF nas escolas foi introduzida com objetivos específicos e pensada para fortalecer ainda mais os papéis que a classe hegemônica e dominante atribuíam aos homens e as mulheres. Não se admitia, essencialmente, a EF nas escolas como uma disciplina, assim como as outras, ou como um componente curricular, mas como uma instituição.

Alguns trabalhos que corroboram com esta análise evidenciam e trazem as vivências da disciplina ainda ocorrendo em dois momentos distintos: um para meninos e outro para meninas, mesmo em alguns casos com o mesmo conteúdo abordado durante as aulas. É o caso de alguns achados oriundos do estudo de Passos (2014).

Mattos (2014) aponta que esta ótica de aulas de EF separadas é resultado de uma construção cultural, mesmo quando estruturalmente a disciplina priorize as aulas mistas. “A cultura, portanto, determinou e continua a determinar o comportamento de meninos e meninas que passaram a resistir diante das propostas de aulas mistas com viés co-educativo” (Mattos, 2014, p. 20).

Quando se pensa na disciplina de EF nas escolas associada aos estudos de gênero, percebe-se uma grande discussão sobre a questão das aulas mistas e separadas por sexo. Esse foi e continua sendo um dos debates mais fortes dentro das primeiras e atuais pesquisas atreladas a essa temática. Muito se discutiu e ainda se discute sobre a possibilidade de separar meninos e meninas nas aulas do componente curricular por diferentes razões, como os estudos de Dornelles e Fraga (2009) e Jesus e Devede (2006). Contatava-se em muitos casos, a partir dos discursos dos(as) docentes, que essa separação acontecia por questões de habilidades motoras e vontade de participação nas aulas dos(as) educandos(as).

Nesse sentido, contribuiu-se para uma grande generificação dos temas nas aulas de EF. Ou seja, eram atribuídos aos meninos e às meninas práticas corporais específicas que se “enquadravam” nas suas realidades. Então, óticas normalizadoras de masculinidades e feminilidades eram estabelecidas para os(as) discentes durante o desenvolvimento das aulas de EF escolar.

Um dos motivos mais observados dentro dos trabalhos selecionados e em outras discussões, quanto aos aspectos de aulas separadas, é a questão do esporte, outro ponto crucial para a aquisição de desigualdades nas atividades de ensino do componente. Este contexto parte do pressuposto em que as aulas estão sendo baseadas apenas em vivências esportivistas, muitas vezes sem qualquer fundamentação.

O estudo de Monteiro (2013) reforça esta prevalência excessiva no tema esporte. Ao examinar as respostas dos(as) estudantes a respeito destas questões, o autor faz a seguinte análise:

Quanto aos demais conteúdos, algo que chamou bastante minha atenção é que quando eu perguntava se eles já haviam tido aulas de dança, ginástica ou luta na educação física, alguns dos/as alunos/as riam como se eu estivesse perguntando algo que não fazia o menor sentido (e que realmente era verdade de acordo com as realidades que eles vivenciavam). Com relação ao conteúdo luta, apenas um aluno (MPART₂) disse que já teve aulas que envolviam a capoeira e que gostou tanto desta vivência (que teve pela primeira vez na escola) que resolveu passar a praticá-la também fora do ambiente escolar. (Monteiro, 2013, p. 99)

Esporte e EF quase sempre estiveram conectados, principalmente no Brasil. Evidentemente, isso não é uma adversidade, uma vez que também admitimos o contexto esportivo com um poder social imensurável dentro e fora da disciplina. O grande nó da

questão parece estar na forma como o esporte se desenvolveu na EF⁸ e como esse tema é problematizado até os dias atuais. Quando trabalhado sem qualquer tipo de embasamento ou fundamentação, a vivência esportiva mais reforça os estereótipos e problemáticas interligadas as questões de gênero e sexualidade do que contribui criticamente com a participação efetiva dos(as) estudantes nos projetos desenvolvidos nas aulas.

Nos trabalhos desta categoria que traziam alguma problematização com o esporte, os resultados mais comuns encontrados sobre este cenário foram: o afastamento ou exclusão de meninas das aulas de EF, quando não se sentem preparadas ou iguais fisicamente para vivenciarem as práticas esportivas com os meninos, a restrição de estudantes que não possuem habilidade técnica que possibilite a vivência com os mais habilidosos(as), o que acaba muitas vezes gerando situações discriminatórias, e o reforço de papéis construídos como masculinos e femininos dentro e que refletem fora das aulas do componente curricular.

Em aquiescência, Mariano (2010, p. 78) afirma que:

[O] conteúdo esportivo tende a ser o grande (senão o maior) vilão nas diferenças entre as construções de gêneros associadas da Educação Física. De fato, existe tal relação como destacam alguns estudos (...) que apontam o esporte como uma atividade de predominância masculina e como um aspecto importante para a construção da masculinidade.

O estudo de Brito e Santos (2013) reforça significativamente essa realidade. O autor e a autora mostram que uma das causas mais encontradas no que concerne aos processos de exclusão e autoexclusão das aulas de EF é a questão da competitividade associadas a algum desporto. Nesse sentido, a competição torna-se mais evidente do que as importantes dimensões do esporte, o que acaba resultando no afastamento de muitas meninas das aulas.

Além disso, alguns trabalhos também observam e discutem situações de preconceito e homofobia presentes na EF escolar. Nesse âmbito, os estudos de Passos (2014) e Wenzel, Stigger e Meyer (2013) evidenciam diversas problematizações no contexto das violências nas aulas do componente curricular.

⁸ A EF nas escolas do Brasil teve uma grande influência do esporte, principalmente durante e após a ditadura militar. É curioso observar que tanto o contexto esportivo, quanto outros aspectos ligados à disciplina foram persuadidos pela conjuntura social da época. Nesse caso, a competitividade e as disputas de poder foram facetas muito evidentes no cenário em questão, trazendo resquícios até os dias atuais.

São vários os fatores responsáveis por estas situações, no entanto, após a análise dos trabalhos que perpassam por essa temática, verificou-se que todos eles possuem relação direta com as relações de gênero e poder. Alguns deles são: o não gosto da disciplina por parte das meninas, muitas vezes devido a vivências anteriores que tendem a dispor os homens como protagonistas e as mulheres em papéis coadjuvantes, a escolha dos temas das aulas, em que normalmente o esporte prevalece e naturalmente as meninas e alguns meninos ficam excluídos por não se sentirem iguais fisicamente com relação aos outros meninos, a falta de habilidade técnica para a realização de algumas práticas corporais e desconforto para a execução de gestos relacionados aos papéis de gênero atribuídos como masculinos e femininos.

Nesta perspectiva de exclusão, “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (Foucault, 2011, p. 133-134). O autor refere-se à disciplina dentro de um contexto amplo, não necessariamente na escola, todavia é importante fazer esta inserção, interligando ao objeto de estudo estrutural da EF.

Em concordância, Louro (2018, p. 76-77) afirma que:

Se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece muitas vezes ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente [...] parece ser uma área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações.

Comumente, estas práticas estão associadas às questões corporais, uma vez que a EF se relaciona essencialmente com o corpo. Ou seja, as situações de preconceito nas aulas do componente vinculam-se a um não enquadramento de um corpo considerado “ideal” por parte dos(as) educandos(as). Neste seguimento, Siqueira *et al.*, (2012, p. 145) observam que “os corpos são expostos e assujeitados em processos que excluem o que foge da norma e reforçam identidades hegemônicas”.

É dentro dessa conjuntura que processos de violência associadas às questões de gênero e sexualidade são tornam-se cada vez mais comuns. Portanto, a disciplina de EF com uma relevante possível ferramenta de problematização de questões sociais, acaba produzindo e fomentando progressivamente embates de violência.

O estudo de Garcia e Brito (2019) revelou uma triste experiência. Ao analisarem algumas aulas de EF em uma determinada escola, os autores se depararam com uma situação envolvendo um estudante. Ao serem instigados pelo professor a fazerem atividades livres em grupo ou sozinhos(as), este discente começou a dançar uma música da cantora Anitta, e apenas por isso, foi alvo de socos, pontapés e agressões verbais por parte de outro estudante. Nesse cenário, a dança é observada como algo determinado às meninas, logo, os meninos que optam por essa vivência são tidos, muitas vezes, como homossexuais e, conseqüentemente, passam a sofrer violências por não se adequarem às normas reguladoras de gênero.

Nesse sentido, a dança:

[...] oferece um cenário no qual a sensualidade e a sensibilidade (aspectos totalmente aceitáveis para as meninas) tomam corpo e, então, os movimentos, (des)encontros corporais podem ser lidos de diferentes formas inclusive de forma maliciosa e com caráter depreciativo com relação às meninas, aspecto que pode se acentuar com relação aos meninos. (Kleinubing; Saraiva; Francischi, 2013, p.79)

Trazendo algumas tensões associadas às questões de gênero e sexualidade nas aulas de EF em uma escola na Grande Vitória – ES, o estudo de Gerez e Wenez (2022) contempla uma situação inquietante. Reforçados pelas matrizes e estereótipos de gênero, os(as) educandos(as) são resultados e acabam também produzindo processos deterministas nas aulas, que são divididas em um momento (sempre o primeiro) para os meninos e outro para as meninas, normalmente com o esporte sendo o único tema apresentado, no entanto, sem embasamentos necessários. Nessa realidade, os meninos “dominam” as aulas, resultando em insatisfações por parte das meninas. Nessas atividades específicas, a professora contribui com essa estrutura de dominação, quase sempre se omitindo com as problematizações formadas por algumas estudantes.

Mediante aos objetivos centrais da disciplina no meio escolar, que concerne fundamentalmente a uma visão plural da cultura corporal, a EF parece uma área propícia para uma construção coeducativa que debata questões de gênero e sexualidade nas aulas. No entanto, uma categorização mais limitada da área, também ligada a fatores sociais e culturais, permite o desenvolvimento de experiências que corroboram com aspectos de

desigualdade de gênero e outras situações discutidas neste tópico. Muitos são os aspectos que colaboram para a aquisição destas ações, como por exemplo as intervenções e condutas docentes.

- Formação, currículo e influência dos(as) professores(as) nas relações de gênero e sexualidade na EF

Alinhando às temáticas que organizam a base deste estudo, alguns trabalhos apontam os(as) professores(as) também como responsáveis por situações que favorecem as desigualdades de gênero e vivências de exclusão nas aulas de EF. Muitas vezes, os(as) docentes atribuem às meninas a falta de vontade de participar. Kirk e Oliver (2015) chamam essa justificativa de “a mesma velha história”. Porém, os autores mostram que muitos fatores podem ser associados a essa questão (falta de apoio, incentivos e cobranças, direcionamento dos conteúdos curriculares, divisão de turmas, diferenciação de financiamento e prêmios no esporte escolar, formas de avaliação, entre outros).

O importante para esta discussão é verificar que o(a) professor(a) possui, quase sempre, autoridade para desassociar o componente de um viés excludente. No entanto, não há como distanciar esse contexto das vivências históricas, sociais e culturais dos(as) docentes, que normalmente se formam em contexto similar aos dos(as) estudantes. Os saberes dos(as) educadores(as) não são resultados de uma única fonte, mas de inúmeras e de diferentes momentos em contextos profissionais e de vida, logo, essa multiplicidade coloca em pauta o problema do agrupamento e da recomposição desses saberes (Tardif, 2007).

Nesse momento, é crucial estabelecermos uma relação dessas problemáticas com a formação inicial dos(as) professores(as). É preciso deixar explícito que os cursos de formação em EF⁹ são atravessados e constituintes de uma lógica estrutural de sociedade hegemônica (Taffarel; Santana; Luz, 2021). Dentro dessa perspectiva, para que essa estrutura seja mantida, aspectos socioculturais, muitas vezes vinculados aos sujeitos e seus

⁹ Também é importante destacar que não são os cursos de formação em EF foram estruturados pela conjuntura hegemônica, mas todos aqueles que, de uma forma ou de outra, influenciaria na “fabricação” dos sujeitos e suas criticidades.

corpos, como as questões de gênero e sexualidade, são silenciados, e acabam sendo esquecidos dos moldes desses cursos de formação. Aqui, realçamos mais uma vez que temáticas como as de gênero e sexualidade não só podem, como devem se fazerem presentes nas formações iniciais de professores e professoras de EF, tendo em vista sua importância no contexto social e processo educacional (Duarte; Castro; Nascimento, 2021).

Assim, espera-se que os(as) professores(as) sejam críticos(as) e estejam cientes dos seus deveres quanto a possíveis e urgentes discussões e problematizações nas aulas de EF. No entanto, não há como criar esperançosas e astuciosas expectativas para que esses(as) docentes possuam um nível de criticidade para contextualizar questões socioculturais com os(as) discentes, quando não possuíam demandas que perpassassem sob essas temáticas em seus períodos de formação. Dessa forma, inúmeros entraves associados ao gênero e à sexualidade, por exemplo, tendem a surgir durante as suas práticas político-pedagógicas.

Alguns estudos dessa categoria revelam essa questão minuciosamente. O trabalho de Lima, Pessoa e Pereira (2022), por exemplo, contempla falas de alguns discentes sobre ações docentes específicas nas aulas de EF. Relatos de que o(a) professor(a) não possui motivação para inserir as meninas e que as aulas são estruturadas em 15 minutos do(a) docente falando sobre o conteúdo e, posteriormente, ele(a) “libera a aula e cada um faz o que quer” (Lima; Pessoa; Pereira, 2022, p. 9) são comuns.

Corroborando com essa ideia, o estudo de Aquilino (2020) reforça a influência direta da formação inicial nas ações pedagógicas dos(as) professores(as) de EF. Além disso, a autora reflete sobre os pensamentos dos(as) discentes com relação ao que eles(as) pensam sobre a disciplina e, apesar de um grande número das respostas se adequarem à criticidade para com o mundo, muitas também se adequam unicamente às questões de saúde e aptidão física (Aquilino, 2020).

O que também não se pode excluir é o fato de alguns(mas) educadores(as) não quererem se desvincular de modelos tradicionais, normalmente associados às questões biológicas, como mostram o estudo de Beiriz (2015). Modelos estes que muitas vezes são os responsáveis por situações de exclusão e discriminação durante as aulas. Para Cruz e Palmeira (2009, p. 2):

Os/as professores/as preferem dar continuidade aos métodos tradicionais de ensino pela facilidade que este lhes proporciona. Ao separar a turma em dois grupos homogêneos, o trabalho do/a professor/a é facilitado, pois as diferenças são minimizadas, uma vez que as diferenças de habilidade motora entre meninos ou entre meninas, no geral, se tornam insignificantes.

Nesse sentido, constata-se que temáticas como as de gênero e sexualidade são, muitas vezes, invisibilizadas e/ou pouco discutidas nos cursos de formação inicial em EF, uma vez que há uma maior valorização das disciplinas de caráter biológico e menos visibilidade àquelas que discutem questões socioculturais (Paiva; Andrade Filho; Figueiredo, 2006). Há uma questão determinista e hierárquica na construção dos currículos que embasam essa organização dos conteúdos, uma vez que “a tendência unilateral da formação em Educação Física é hegemônica” (Alves, 2015, p. 22).

Dessa forma, é possível constatar que:

Os cursos de graduação pouco contemplam temas como gênero, sexualidade e diversidade sexual. Tal fato deve-se a maior autonomia do estudante universitário a respeito do conhecimento, que propicia tanto a inclusão, quanto a ausência destes temas no currículo, além da estrutura mais fixa e tradicional dos cursos de formação superior que também dificulta mudanças nos currículos. (Altmann, 2013 p. 79)

Alguns estudos dessa categoria evidenciam um certo bloqueio dos(as) docentes para problematizar as questões de gênero e sexualidade. De acordo com Felipe (2008), isso ocorre porque eles e elas ainda se sentem despreparados(as) para a atribuição desta discussão nas suas aulas, uma vez que não obtiveram uma formação específica sobre o tema. Em concordância, algumas pesquisas revelam que os currículos pouco tem colocado em pauta as temáticas de gênero e sexualidade (Araujo; Deive, 2019; Freitas; Souza Junior, 2020; Vasconcelos; Ferreira, 2020), fazendo uma relação direta com investigações que evidenciam a invisibilidade ou inúmeras dificuldades de professores(as) da educação básica trabalharem com essas temáticas (Poloni; Furlan, 2022).

Moraes (2017), ao analisar as percepções dos(as) professores(as) sobre aspectos de gênero e sexualidade nas aulas de EF, faz a seguinte interpretação.

Observa-se nesta resposta que muitos profissionais de educação, principalmente de Educação Física, durante sua formação, não tiveram instruções sobre gênero, sexualidade, sexo e identidade de gênero. Embora isso, conforme observado nas palavras de Flox, há possibilidades de buscar informações por meio dos recursos e aparatos tecnológicos. São modos de conhecer e se inteirar do tema para abordar na escola enquanto espaço de informação e formação dos sujeitos. (Moraes, 2017. p. 91)

Neste aspecto, é de extrema relevância que o contexto educativo se estruture objetivando a construção de sujeitos que compreendam temáticas como as de gênero e sexualidade em uma conjuntura que se distancie cada vez mais dos construtos deterministas e heteronormativos que se criou a educação, para que disciplina de EF, por exemplo, se torne um espaço de valorização das diferenças e leitura crítica do mundo.

Uma opção, como apontam alguns textos dessa categoria, seria o fortalecimento da discussão nos documentos curriculares. Porém, se nos Parâmetros Curriculares Nacionais tínhamos o tema transversal “orientação sexual” que dava espaço para alguns debates, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada em 2018 apaga e quase impossibilita as discussões de gênero e sexualidade na EF. Isso ocorreu por um movimento conservador¹⁰ durante a discussão do referido currículo nacional que solicitou a retirada dessas discussões justificando como “ideologia de gênero”, e dizendo que esses temas deveriam ser tratados pela família apenas. Essa inclusão curricular, seja nos documentos ou no cotidiano, é fundamental, tanto para que possamos compreender a construção histórica da EF e de seu objeto de estudo, quanto para que as desigualdades sejam reduzidas e os(as) estudantes possam agir no campo de forma mais efetiva.

Ainda que as escolas continuem sendo configuradas por uma insistente negação dos saberes produzidos por grupos contra hegemônicos (Bruno et al., 2022), ao buscar uma sociedade cada vez mais justa, alinhada sob perspectivas de criticidade e democracia, as relações de gênero e suas intersecções se posicionam como artifícios potentes para serem problematizados na EF escolar (Lima; Maldonado, 2023), fortalecendo a ideia de construir coletivamente pensamentos e sujeitos emancipados e libertos das amarras constituídas pelas normatizações hegemônicas e neoliberais.

Considerações Finais

Representações de gênero e sexualidade são peças cruciais que precisam ser contextualizadas na escola, visto que possuem vínculos significativos com as relações humanas e seus atributos sociais. É necessário que o ambiente escolar possibilite caminhos

¹⁰ Movimento especialmente liderado pela bancada evangélica e pelo Escola sem Partido (KATZ; MUTZ, 2017).

que realize esta associação das temáticas com os sujeitos inseridos em uma realidade muitas vezes desigual.

É dentro desta evidência que entra a EF, componente capaz de trabalhar estas temáticas de uma forma objetiva e que colabore com os reais propósitos da educação e a erradicação de paradigmas sociais encontrados em diferentes âmbitos. Ao estar atribuída na conjuntura da cultura corporal, a EF detém conhecimentos específicos que devem estar obrigatoriamente dispostos em suas aulas, corroborando com finalidades que afetam diretamente a formação dos(as) estudantes e professores(as).

Nesse contexto, ressaltamos a importância significativa dos estudos de revisão de literatura na conjuntura acadêmica atual da EF. Buscando compreender as interfaces da produção acadêmica no que concerne às discussões de gênero e sexualidade nas aulas do componente curricular, o presente trabalho consegue atingir o seu objetivo principal e observa, em suas análises, inúmeras problemáticas a partir da introdução desses debates nos espaços escolares, além de identificar algumas lacunas e possibilidades para novos estudos nessa perspectiva.

O número de pesquisas encontradas que relacionam as temáticas em questão com as aulas de EF nas escolas e a discussão dos resultados dessas investigações só demonstra que ainda há muito para ser estudado, modificado e reconstruído. Ao observar como questões de gênero estão sendo percebidas por discentes e professores(as), e como as aulas do componente curricular estão sendo organizadas dentro desta ótica, é possível constatar que as escolas não estão preparadas para esta discussão, quase sempre estruturadas pelas construções históricas e culturais que tendem a uma verificação rasa dos temas.

Ao analisar, de acordo com a interpretação dos dados descrita nas discussões anteriores, as rasas percepções de professores(as) e estudantes sobre as temáticas, que se estabelecem sem um embasamento adequado, bem como as relações do cotidiano nas aulas de EF que se relacionam com o gênero e a sexualidade, muitas vezes, são observadas situações de discriminação e exclusão por parte de docentes e discentes, sendo possível afirmar que ainda há muito a se fazer dentro do contexto educativo e da disciplina.

Tratar discussões que cercam as temáticas de gênero e sexualidade de maneira frívola ou constituída por uma superficialidade significativa nas escolas é, efetivamente, seguir um caminho em que práticas visceralmente hegemônicas sejam evidenciadas e se sobressaiam a dimensões de luta e resistência produzidas e fomentadas, principalmente e em vultosas perspectivas, por pensamentos e ações progressistas que caminham a escola e a educação por processos vinculados à liberdade e a criticidade.

Não obstante, apenas mencionar a importância da inserção destes temas na EF e em outras disciplinas é insuficiente. É necessário, primeiramente, compreender o gênero e a sexualidade em sua totalidade, afastando-se de noções deterministas e excludentes. Para muito além de um currículo escolar, propõe-se adequada atenção para o objeto de estudo deste texto, entendendo a escola, e por quê não a EF, como suporte e ferramenta para a emancipação política dos sujeitos envolvidos.

Posteriormente, é crucial a execução de uma reanálise curricular da disciplina para que os caminhos que cruzam as temáticas gênero e sexualidade e a EF sejam facilitados para tais discussões. A formação profissional docente também carece de uma resignificação direta sobre os temas, observada como uma lacuna entre os estudos envolvidos, considerando os contextos sociais contemporâneos. Se o papel educacional se volta fundamentalmente à construção de sujeitos críticos capazes de realizar mudanças significativas na sociedade, na busca por um cenário de equidade entre eles, é primordial que discussões como essas sejam colocadas em pauta, objetivando um distanciamento cada vez maior de uma realidade que os desacreditados julgam utópica.

Por fim, é importante destacarmos que a literatura encontrada no presente estudo não identificou mudanças relevantes acerca do debate em questão, ou seja, aspectos que podem mover as discussões de gênero e de sexualidade para um âmbito mais aprofundado e crítico. No entanto, para que essa informação não seja enviesada ou observada simplesmente como uma realidade hegemônica, já podemos constatar, também na literatura da área, estudos que forneçam um olhar com maior criticidade para esse contexto, como as pesquisas de Maldonado (2021) e Augusto e Neira (2021).

Referências

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.13, p.69-82, 2013.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Revista Estudos Feministas**, v.19, n.2, p.491-501, 2011.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; GARCIA, E. F.; RICO, E. R.; POLYDORO, S. A. J. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, v.26, n.1, p.1-16, 2018.

ALVES, M. S. **Formação de professores e crise estrutural do capital**: a necessidade histórica de uma formação para a transição de modo de produção e reprodução da vida. 2015. 350f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ANDRESS, S. S.; JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. Educar para a Diversidade: Gênero e Sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de Iniciação à Docência (UFSM). **Revista de Educação Física/UEM**, v.26, n.2, p.167-179, 2015.

AQUILINO, S. M. **Entre jovens invisíveis e corpos silenciados: manifestações das sexualidades e a homofobia (des)veladas nas aulas de Educação Física**. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ARAÚJO, A. B. C.; DEVIDE, F. P. “Gênero” e “sexualidade” na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, v.15, n.1, p.25-41, 2019.

AUAD, D.; CORSINO, L. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista Estudos Feministas**, v.26, n.1, p.1-13, 2018.

AUGUSTO, C. N.; NEIRA, M. G. (Um) Currículo cultural contrassexual? Movimentos que possibilitam corpos em trânsito. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.43, n.e002221, p.1-8, 2021.

BEIRIZ, C. S. **Estágio supervisionado em Educação Física**: gênero, sexualidade e estigma em análise. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Plínio Leite, Niterói, 2015.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno Cedes**, v.19, n.48, p.69-88, 1999.

BRITO, L. T.; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.27, n.2, p.235-246, 2013.

BRUNO, B. D.; GONÇALVES, Y.; SILVA, I. C. C.; FLOR, B. J. M. S.; FERREIRA, E. C.; LIMA, C. E. S.; SANCHES NETO, L.; VENÂNCIO, L. A relação com o saber e as interseccionalidades: diálogos (auto)formativos por uma educação física da (re)existência. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11943, 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

CONCEIÇÃO, D. M. S. **Gênero na Educação Física Escolar: as representações das/dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)**. 2022. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, p.185-206, 1995.

COSTA, E. M. B.; VENÂNCIO, S. Atividade física e saúde: discursos que controlam o corpo. **Pensar a Prática**, v.7, n.1, p.59-74, 2004.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na educação física escolar. **Motriz**, v.15 n.1, p.116-131, 2009.

DEVIDE, F. P.; BRITO, L. T. **Estudos das masculinidades da Educação Física e no Esporte**. São Paulo: nVersos, 2021.

DEVIDE, F. P.; OSBORNE, R.; SILVA, E. R.; FERREIRA, R. C.; CLAIR, E. S.; NERY, L. C. P. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz: Revista de Educação Física (Online)**, v.17, n.1, p.93-103, 2011.

DORNELLES, P. G.; FRAGA, A. B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v.1, n.1, p. 141-156, 2009.

DORNELLES, P. G. **A (hetero) normalização dos corpos em práticas pedagógicas da Educação Física escolar**. 2013. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DORNELLES, P. G.; DAL'LGNA, M. C. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educação e Pesquisa**, v.41, n.esp., p.1585-1599, 2015.

DUARTE, G. O.; CASTRO, F. B.; NASCIMENTO, T. B. Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola. **Educación Física y Ciencia**, v.23, n.1, p.1-11, 2021.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008. p.31-40

FELIPE, J. Salto para o futuro: Educação para igualdade de gênero: Proposta pedagógica. In: BRASIL. **Educação para igualdade de gênero**, v.28, boletim 2, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 39 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade – v.1: a Vontade de Saber**. São Paulo: Editora Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade** – v.2: O uso dos prazeres. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREITAS, M. B. Z.; SOUZA JUNIOR, O. M. Gênero, sexualidade e educação física: formação e prática docente. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v.4, n.3, p.217–230, 2020.

GARCIA, R. M.; BRITO, L. T. Performatizações queer na educação física escolar. **Movimento**, v.24, n.4, p.1321–1334, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e gênero**. Ijuí: Unijui, 2013.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JAEGER, A. A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. 237 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, v.12, n.3, p.123-140, 2006.

KATZ, E. P.; MUTZ, A. S. C. Escola sem partido—produção de sentidos e disputas em torno do papel da escola pública no Brasil. **ETD-Educação Temática Digital**, v.19, p.184-205, 2017.

KLEINUBING, N.; SARAIVA, M.; FRANCISCHI, V. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Educação Física/UEM**, v.24, n.1, p.71-82, 2013.

LIMA, A. C. B.; MALDONADO, D. T. Cultura corporal, relações de gênero e Educação Física Escolar: análise das publicações realizadas no Blog Dibradoras. **Cenas Educacionais**, v.6, p.e15573, 2023.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MALDONADO, D. T. Por uma educação física escolar feminista. **Temas em Educação Física escolar**, v.6, n.1, p.15-38, 2021.

MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. S.; MIRANDA, M. L. J. Pesquisas sobre a educação física no cotidiano da escola: o estado da arte. **Movimento**, v.20, n.4, p.1373–1395, 2014.

MARIANO, M. **A Educação Física na Educação Infantil e as relações de gênero**: educando crianças ou meninos e meninas? 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MATTOS, M. Z. **Aulas mistas na educação física**: tensões e contradições. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na Enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, v.17, n.4, p.758-764, 2008.

MENEZES, R. D. B.; SILVA, F. V. Ainda sobre a “ideologia de gênero”: discursos de docentes das Ciências Humanas e Sociais da educação básica. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e12501, 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação interação e descoberta. In: MINAYO, M. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MONTEIRO, M. V. P. **Educação física escolar e significados de gênero**: uma pesquisa em uma escola estadual da cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MORAES, A. C. **Gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física**: percepções de professores/as e alunos/as da Escola Itinerante de Lages/SC. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Planalto Catarinense, Lages – SC, 2017.

MOREIRA, L. R.; ZUBARAN, M. A. Educação das relações étnico-raciais (ERER) nas representações de docentes da rede pública de Educação Física (Altamira/PA). **Revista foco**, v.16, n.1, p.e812, 2023.

OLIVER, K.; DAVID, K. **Girls, Gender and Physical Education: an activist approach**. Oxfordshire: Routledge, 2015.

PAIVA, F. S. L.; ANDRADE FILHO, N. F.; FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação inicial e currículo no CEFD/UFES. **Pensar a Prática**, v.9, n.2, p.213–230, 2006.

PASSOS, A. M. R. **Performances e Performatividade**: negociações de gênero e sexualidade em aulas de educação física. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, v.16, n.2, p.402-413, 2010.

PRADO, V. M. **Entre ditos e não ditos**: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física. 2014. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

POLONI, L. H.; FURLAN, C. C. Educação Física escolar e as questões de gênero: a prática pedagógica em foco. **Motrivivência**, v.34, n.65, p.1–22, 2022.

RIBEIRO, G. C. **Corpo, gênero e sexualidade na Educação Física escolar**: Uma cartografia das práticas discursivas em escolas do Paraná. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SILVEIRA, C. S.; ZAGO, M. M. F. Pesquisa brasileira em enfermagem oncológica: Uma revisão integrativa. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v.4, n.4, p.614-619, 2006.

SILVESTREIN, J. M. P. **Perform(atividade) na escola**: reflexões sobre gênero na Educação Física. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SIQUEIRA, V. H. F.; FONSECA, M. C. G.; SÁ, M. B.; LIMA, A. C. M. Construções identitárias de estudantes de farmácia no trote universitário: questões de gênero e sexualidade. **Pró-posições**, v.23, n.2, p.145-159, 2012.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOUSA, E. S. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1994.

SOUZA, D. M. R. **Professores de Educação Física em formação**: corpo, relações de gênero e sexualidades. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. v.8, n.1, p.102-106, 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

STREY, M. N.; CÚNICO, S. D. **Teorias de Gênero**: Feminismos e Transgressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTANA, M. L.; LUZ, S. F. Formação de professores de Educação Física: a disputa nos rumos da formação. **Revista Fluminense de Educação Física**, v.2, n.1, p.1-19, 2021.

VASCONCELOS, C. M. T.; FERREIRA, L. A. A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, v.36, n. e209700, p.1-17, 2020.

WENETZ, I; MACEDO, C. G. Masculinidades no balé: gênero e sexualidade na infância. **Movimento**, v.25, p.e25081, 2019.

WENETZ, I.; STIGGER, M. P.; MEYER, D. E. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.27, n.1, p.117-128, 2013.